

# NAS INSTÂNCIAS DO DISCURSO:

*uma permeabilidade de fronteiras*



Denize Elena Garcia da Silva  
(Organizadora)

EDITORA  
  
UnB

  
OFICINA EDITORIAL  
Instituto de Letras - UnB

A obra representa uma aproximação profícua de pesquisadores de diversas instituições, cujos artigos, em lugar de refletir diferentes paradigmas do pensamento lingüístico, revelam o esforço de cada um dentro de suas áreas específicas na busca de caminhos que favoreçam o ensino do vernáculo e garantam a compreensão do uso da língua como prática social.

Luiz Antônio Marcuschi (UFPE),  
Denize Elena Garcia da Silva (UnB),  
Jacob L. Mey (Odense University -  
Dinamarca), Maria Carmen Aires  
Gomes (UFV), Izabella dos Santos  
Martins Mendes (UFMG), Janaina  
Minelli de Oliveira (UFMG), Dina  
Maria Martins Ferreira (UPM-SP),  
Heloísa Marques Miguel (UFG), Ivone  
Tavares de Lucena (UFPB), Carmem  
Cecília Camatari Galvão (FJMJ), Lillian  
Márcia Simões Zamboni (Unicamp/SP),  
Gláucia Muniz Proença Lara (UFMS),  
Eline Alcântara dos Santos (Uneb),  
Maria Francisca de Oliveira Santos  
(UFAL) e Cibele Brandão (UnB)

NAS INSTÂNCIAS  
DO DISCURSO:  
uma permeabilidade de fronteiras



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE  
DE BRASÍLIA**

*Reitor*  
Lauro Morhy

*Vice-Reitor*  
Timothy Martin Mulholland



*Diretor*  
Alexandre Lima

*Conselho Editorial*  
*Presidente*  
Henryk Siewierski

Alexandre Lima, Clarimar Almeida Valle,  
Dione Oliveira Moura, Jader Soares Marinho Filho,  
Ricardo Silveira Bernardes, Suzete Venturelli



OFICINA EDITORIAL  
Instituto de Letras - UnB

*Conselho Editorial*  
Aryon Dall'Igna Rodrigues, Germana Henriques P. de Sousa,  
Heloisa Maria Moreira de Lima A. Salles, Henryk Siewierski,  
Rogério da Silva Lima, Vilma Reche Correa



Denize Elena Garcia da Silva  
*Organizadora*

NAS INSTÂNCIAS  
DO DISCURSO:  
uma permeabilidade de fronteiras



## **Equipe Editorial**

Rita de Cássia da Silva Pedroso de Albuquerque – *Preparação de originais e editoração eletrônica*

Regina Maria Furquim Freire da Silva e Carmem  
Cecília Catamari Galvão – *Revisão*

Roberta Elena da Silva Bocchino – *Capa*

*Copyright* © 2005 by Denize Elena Garcia da Silva (Organizadora)

## ***Impresso no Brasil***

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília  
SCS, Q. 02, Bloco C, Nº 78, Ed. OK – 2º andar  
70300-500 – Brasília-DF  
Tel: (61) 3035-4200 – Fax: (61) 3225-5611  
www.livrariauniversidade.unb.br – editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
Central da Universidade de Brasília

---

N241 Nas instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras / Denize Elena Garcia da Silva (Organizadora). – Brasília : Editora Universidade de Brasília : Oficina Editorial do Instituto de Letras, 2005.  
204 p.

ISBN 85-230-0836-5

1. Análise de discurso crítica. 2. Lingüística textual.  
3. Sociolingüística internacional. I. Silva, Denize Elena Garcia da.

CDU 801

---

*Ao meu Roberto e a cada Paulo  
da minha vida*



## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	11
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	13
<b>PARTE I – DISCURSO E GRAMÁTICA</b> .....	19
<b>DISCURSO, COGNIÇÃO E GRAMÁTICA NOS PROCESSOS DE TEXTUALIZAÇÃO</b> <i>Luiz Antônio Marcuschi</i> .....	21
<b>DISCURSO E GRAMÁTICA: MOTIVAÇÕES COGNITIVAS E INTERACIONAIS</b> <i>Denize Elena Garcia da Silva</i> .....	37
<b>DISCURSO, GRAMÁTICA E PRAGMÁTICA</b> <i>Jacob L. Mey</i> .....	49

**PARTE II – DISCURSO E MÍDIA.....63**

**A VOZ E O *ETHOS* MÉDICO-CIENTÍFICO NO TEXTO DE  
INFORMAÇÃO PUBLICITÁRIO**

*Maria Carmen Aires Gomes* ..... 65

**UM CASO DE POLÍCIA: AS REPORTAGENS POLICIAIS EM  
DOIS JORNAIS IMPRESSOS BRASILEIROS, ABORDADAS À  
LUZ DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

*Izabella dos Santos Martins Mendes* ..... 77

**AÇÕES SOCIAIS DO GÊNERO INFORMAÇÃO CIENTÍFICA  
TRANSMITIDA POR MEIO DO JORNAL TELEVISIVO  
BRASILEIRO**

*Janaina Minelli de Oliveira* ..... 87

**PARTE III – DISCURSO, GÊNERO SOCIAL E  
IDENTIDADE.....99**

**CONSTRUTO IDENTITÁRIO FEMININO NA BUSCA DO  
METAINSTÁVEL: *ENEIDA* DE VERGÍLIO E MÍDIA DA  
ATUALIDADE**

*Dina Maria Martins Ferreira* ..... 101

**A CATEGORIA DO TEMPO EM “O CHAMADO DAS PEDRAS”**

*Heloisa Marques Miguel* ..... 111

**A INSCRIÇÃO DO SUJEITO NO DISCURSO DA MÚSICA  
NORDESTINA: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE?**

*Ivone Tavares de Lucena* ..... 125

<b>PARTE IV – GÊNERO, IDENTIDADE E ARTICULAÇÃO DAS DIFERENÇAS.....</b>	<b>135</b>
<b>GÊNERO DISCURSIVO ANAMNESE: PRIMEIROS DESVELAMENTOS</b>	
<i>Carmem Cecília Camatari Galvão .....</i>	<i>137</i>
<b>DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: CIÊNCIA OU JORNALISMO?</b>	
<i>Lilian Márcia Simões Zamboni .....</i>	<i>145</i>
<b>SEMIÓTICA GREIMASIANA E ANÁLISE DO DISCURSO: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL</b>	
<i>Gláucia Muniz Proença Lara .....</i>	<i>155</i>
<b>PARTE V – DISCURSO ACADÊMICO, INTERAÇÃO E COMPORTAMENTO NÃO-VERBAL .....</b>	<b>167</b>
<b>SUJEITO-PROFESSOR: MULTIPLICIDADE DE POSIÇÕES</b>	
<i>Eline Alcântara dos Santos .....</i>	<i>169</i>
<b>OS ASPECTOS NÃO-VERBAIS E VERBAIS NA INTERAÇÃO DO DISCURSO DE SALA DE AULA: RESULTADOS PRELIMINARES</b>	
<i>Maria Francisca de Oliveira Santos .....</i>	<i>179</i>
<b>ESTRATÉGIAS PRAGMÁTICAS NÃO-VERBAIS NO PROCESSO DE VARIAÇÃO ESTILÍSTICA</b>	
<i>Cibele Brandão .....</i>	<i>191</i>
<b>COLABORADORES.....</b>	<b>201</b>



## AGRADECIMENTOS

Aos colegas que atenderam à chamada de trabalho para o VI ENIL, brindando-nos não só com a presença, mas sobretudo com a pontualidade na entrega dos artigos, vão os primeiros agradecimentos, pois da resposta concretizada no texto de cada um surgiu este livro.

Além dos colaboradores que assinam os capítulos, três pessoas especiais apoiaram-me durante a fase de organização e montagem: Rita de Cássia encarregou-se da árdua tarefa de formatação e diagramação dos originais, Roberta Elena foi responsável pela parte artística de criação da capa, enquanto Paulo Lindemberg facilitou-me o acesso às ferramentas dos programas de informática, com seu suporte técnico e sua paciência. Os três são meus filhos, razão pela qual meu agradecimento e meu afeto brotam do fundo do coração.

O apoio parcial da Capes e o incentivo do Instituto de Letras da UnB, somados à generosidade da Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (FINATEC), que não poupou esforços para garantir o sucesso do VI ENIL, representaram o baluarte seguro para as apresentações dos trabalhos de pesquisa, aqui representados nos quinze artigos selecionados.

Entre as pessoas que direta ou indiretamente não mediram esforços para enviar-me apoio incondicional a todo momento, mesmo que de lugares distantes, registro dois nomes: Marcuschi e Benedito. O primeiro, além de colaborador e amigo, é o grande incentivador na escalada dos estudos do discurso. Na sua trilha, segue Benedito Gomes Bezerra,

## **Agradecimentos**

---

doutorando do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UFPE, o responsável pela tradução do artigo de Jacob Mey. Aos dois, que me sensibilizaram pelos gestos de solidariedade, um agradecimento especial.

Agradeço ainda a todos os colegas e alunos do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de Brasília que auxiliaram na realização do VI ENIL, de modo especial à Maria Christina Diniz Leal, cuja atuação no trabalho da comissão científica foi de um valor inestimável. Meus agradecimentos também à Lúcia Maria Pinheiro Lobato, pois, mais que significar uma presença marcante no evento, contribuiu efetivamente por meio de ações e de palavras de incentivo. Ambas, que nos privilegiam com lições de vida todos os dias, constituem exemplo de compromisso profissional, dedicação, seriedade e elegância na vida acadêmica.

Por fim, o agradecimento a meu esposo e companheiro pelo altruísmo e pela compreensão diante de determinados momentos da minha vida acadêmico-profissional.

Denize Elena Garcia da Silva

**PARTE III - DISCURSO, GÊNERO SOCIAL  
E IDENTIDADE**



## A CATEGORIA DO TEMPO EM "O CHAMADO DAS PEDRAS"

*Heloisa Marques Miguel*

### **Introdução**

Neste trabalho, tomaremos a Semântica da Enunciação como nossa ferramenta de análise, pois ela é aquela que explica mais adequadamente a linguagem literária, já que esta quase sempre constrói seu significado nas relações estabelecidas no interior do próprio texto, utilizando-se de vários recursos lingüísticos para que o leitor possa ser convencido e seduzido pela mensagem em questão. Essa linha de investigação entende que "o significado de uma forma lingüística é o seu uso, ou seja, o seu emprego de acordo com os estímulos que a condicionam e as respostas ou reações, verbais e não verbais, adequadas às circunstâncias, finalidades e condições em que é utilizada" (Marques, 2001:19).

Antes de iniciarmos a análise do poema "O chamado das pedras", retirado do livro *Meu livro de cordel* (Coralina, 1998:84), da poeta goiana Cora Coralina, teceremos breves considerações sobre a especificidade da linguagem e do texto literário, tomando como referência a função poética da linguagem de Jakobson e os pressupostos de coesão e coerência da Lingüística Textual.

## **Pressupostos teóricos**

Roman Jakobson (2000), ao longo do ensaio “Linguística e Poética”, demonstrou uma certa indignação em restringirem o estudo da Poética à área da Literatura, excluindo, assim, a possibilidade de a linguagem literária ser também analisada pelos métodos linguísticos. A Poética pode ser estudada indiferentemente pelo âmbito da Linguística e pelo da Literatura. Ambos os especialistas deveriam utilizá-las simultaneamente para interpretar mais profunda e cientificamente a linguagem e os textos literários:

Ouvimos dizer, às vezes, que a Poética, em contraposição à Linguística, se ocupa de julgamentos de valor. Esta separação dos dois campos entre si se baseia numa interpretação corrente, mas errônea, do contraste entre a estrutura da poesia e outros tipos de estrutura verbal. [...] Existe íntima correspondência, muito mais íntima do que o supõem os críticos entre o problema dos fenômenos linguísticos a se expandirem no tempo e no espaço e a difusão espacial e temporal dos modelos literários. (Jakobson, 2000:120)

Ele reconheceu que a função poética da linguagem não é uma manifestação autônoma, ela é um dos componentes que fazem parte do sistema global da estrutura verbal da ciência da linguagem. Justificou melhor sua opinião sobre o estudo da Poética à luz da Linguística, quando percorreu sobre todos os elementos e as funções da linguagem, entre elas, a função poética. Jakobson enfatizou que todos esses elementos e funções da linguagem são concorrentes numa mesma mensagem verbal. Contudo, a predominância de um deles determina o perfil do texto:

Embora distingamos seis aspectos básicos da linguagem, dificilmente lograríamos, contudo, encontrar mensagens verbais que preenchessem uma única função. A diversidade reside não no monopólio de alguma dessas diversas funções, mas numa diferente ordem hierárquica de funções. A estrutura verbal de uma mensagem depende unicamente da função predominante (Jakobson, 2000:123).

Para Jakobson, o texto literário, em forma de poesia ou de prosa, difere dos outros pelo fato de que há nele uma forte tendência em privilegiar a mensagem em detrimento dos outros fatores. Nesse caso, o remetente dedica uma atenção especial à palavra, principalmente ao

que ela proporciona de possibilidade concreta (significante) e semântica (significado) para a tessitura da mensagem. Essa preferência instaura a função poética nesse tipo de informação, chamada geralmente de estética, pois o que importa é alcançar o máximo de efeito artístico proveniente das palavras e sentenças que compõem esse tipo de comunicação verbal. Contudo, a função poética é estudada pela Linguística tanto em poesia como em outros tipos de texto:

Destacamos os seis fatores envolvidos na comunicação verbal, exceto a própria mensagem. O pendor (*Einstellung*) para a MENSAGEM como tal o enfoque da mensagem por ela própria, eis a função poética da linguagem. Essa função não pode ser estudada de maneira proveitosa desvinculada dos problemas gerais da linguagem e, por outro lado, o escrutínio da linguagem exige consideração minuciosa da sua função poética.[...] A função poética não é a única função da arte verbal, mas tão-somente a função dominante, determinante, ao passo que, em todas as outras atividades verbais ela funciona como um constituinte acessório, subsidiário. [...] Daí, que ao tratar da função poética, a Linguística não possa limitar-se ao campo da poesia. (Jakobson, 2000:127-128)

Ele prossegue o ensaio, afirmando que o comportamento verbal se vale de dois modos básicos de arranjo para se constituir: a seleção (eixo paradigmático) e a combinação (eixo sintagmático). Porém, a função poética difere das demais justamente por

[...] projetar o princípio de equivalência do eixo da seleção sobre o eixo da combinação. [...] Em poesia, [a equivalência] é usada para construir uma seqüência. [...] A medida de seqüências é um recurso que, fora da função poética, não encontra aplicação na linguagem. Somente em poesia, com sua reiteração regular de unidades equivalentes, é que se tem experiência do fluxo verbal. (Jakobson, 2000:130-131)

Samira Chalhub (2000), estudiosa da teoria da linguagem de Jakobson, considera que os recursos retóricos e estilísticos da Literatura encontram-se em estado latente no sistema geral da língua. Cabe ao poeta ou ao escritor, com sua genialidade e criatividade, atualizá-los no momento da tessitura de seu texto:

Na feitura poética – técnica de sabedoria daquele que desenha a poeticidade da mensagem – o poeta seleciona, escolhe dentre/por entre/os elementos expostos no código aqueles que vai utilizar para compor o sintagma, o encadeamento, a combinatória. [...] Na função poética, a mensagem está voltada para si mesma: as características físicas do signo, seu estatuto sonoro, visual, são privilegiadas, decorrendo um sentido não previsto numa mensagem de teor puramente convencional. (Chalhub, 2000:38)

Por outro lado, ela reconhece que a leitura estética e prazerosa de um texto literário reside na capacidade do leitor em desvendar os significados plurais e não convencionais instaurados pela função poética nesse tipo de mensagem:

É preciso estar atento aos signos – estes revelam, no seu arranjo, sua própria pedagogia de aparição, criando um espanto no seu bem dizer-se. O admirável espanto provocado pelo bem-dizer à natureza poética é o que os formalistas russos chamaram de *ostrâniemê*, “estranhamento”: um tempo de olhar par o poema, percorrendo-lhe as significações plurais e (im)possíveis, o tempo perceptivo da leitura do receptor. (Chalhub, 2000:38)

Ao finalizar seu ensaio, Jakobson afirma que a Poética constitui uma parte da Lingüística. Logo, não há motivos para que ela seja objeto de estudo somente da Literatura. A Poética não só pode como deve ser questionada por essas duas áreas de conhecimento, já que elas não se excluem, mas certamente, se complementam:

Se existem alguns críticos que ainda duvidam da competência da Lingüística para abarcar o campo da Poética, tenho para mim que a incompetência de alguns lingüistas intolerantes tenha sido tomada por uma incapacidade da própria ciência lingüística. Todos nós que aqui estamos, todavia, compreendemos definitivamente que um lingüista surdo à função poética da linguagem e um especialista de literatura indiferente aos problemas lingüísticos e ignorante aos métodos lingüísticos são, um e outro, flagrantes anacrônicos. (Jakobson, 2000:162)

Os estudos de Jakobson sobre as funções da linguagem proporcionaram o surgimento de várias disciplinas lingüísticas, que propuseram uma guinada no tratamento da língua, apresentando uma abordagem bem diferente da análise estruturalista, pois as novas disciplinas passaram

a basear-se em todos os elementos lingüísticos, e até mesmo extra-lingüísticos, envolvidos na comunicação verbal: a fala (*parole*) foi privilegiada em detrimento da língua (*langue*). Na verdade, essas novas disciplinas não suplantaram, mas sim ampliaram os estudos estruturalistas introduzidos por Saussure, já que elas levaram em consideração o falante, o receptor e o contexto em suas análises.

Nesse panorama moderno da ciência da comunicação, apareceram então a Lingüística Textual e a Semântica da Enunciação, que ajudam a estabelecer uma ponte entre a Poética (Literatura) e a Lingüística:

Sem dúvida, o surgimento dos estudos sobre o texto faz parte de um amplo esforço teórico, com perspectivas e métodos diferenciados, de constituição de um outro campo (em oposição ao campo construído pela Lingüística Estrutural), que procura ir além dos limites da frase, que procura reintroduzir, em seu escopo teórico, o sujeito e a situação da comunicação, excluídos das pesquisas sobre a linguagem pelos postulados dessa mesma Lingüística Estrutural – que compreendia a língua como sistema e como código, com função puramente informativa. (Bentes, 2001: 245)

O campo de estudo da Lingüística Textual é muito vasto, mas seu interesse principal consiste em desvendar os fenômenos lingüísticos relacionados com a composição de um texto. Para os estudiosos atuais do texto, a competência lingüística e textual do falante é muito mais relevante do que as justificativas de ordem gramatical, morfológica e sintática, pois elas não são suficientes para explicar certas situações:

Todo falante de uma língua tem a capacidade de distinguir um texto coerente de um aglomerado incoerente de enunciados e esta competência é lingüística, em sentido amplo [...]. Qualquer falante é também capaz de parafrasear um texto, de resumi-lo, de atribuir-lhe um título, de produzir um texto a partir de um título dado e de distinguir um texto segundo os vários tipos de texto [...]. Todas essas habilidades explicitam a competência textual e justificam a construção de uma gramática textual. (Fávero, 2000:6)

Por muito tempo, o texto foi concebido com uma estrutura acabada e pronta. A ênfase jazia no aspecto material e/ou formal do texto. As condições de produção e recepção não eram muito consideradas. Hoje em dia, a Lingüística Textual compreende que o texto encerra as duas manifestações e que elas se aproximam e se complementam:

Em suma, a Lingüística Textual trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado, deve preservar a organização linear que é o tratamento estritamente lingüístico, abordado no aspecto de coesão e, por outro lado, deve considerar a organização reticulada ou tentacular, não linear: portanto, dos níveis do sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas (Bentes, 2000: 256).

### **As categorias de análise**

Há vários fatores de textualidade que permitem a definição do texto. Como já foi dito na citação acima, uns pertencem à parte mais formal da língua, ao passo que outros dizem respeito à parte cognitiva:

O discurso é manifestado, lingüisticamente, por meio de textos (*em sentido estrito*). O texto consiste, então, em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão. Trata-se, pois, de um contínuo comunicativo contextual caracterizado pelos fatores de textualidade: contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade, e intertextualidade (Fávero, 2000:7).

Este trabalho utilizará dois desses fatores para a análise do poema "O chamado das pedras", que são a coesão e a coerência. Antes de procedermos a análise propriamente dita, discutiremos simplificada e sobre a distinção entre a coesão e a coerência, valendo-nos das idéias de Fávero (2000), que foram tomadas de Beaugrande e Dressler:

A coesão, manifestada ao nível microtextual, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, as palavras que ouvimos ou vemos, estão ligadas entre si dentro de uma seqüência.

A coerência, por sua vez, manifestada em grande parte macrotextualmente, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, os conceitos e as relações subjacentes ao texto de superfície, se unem numa configuração, de maneira reciprocamente acessível e relevante. Assim a coerência é o resultado de processos cognitivos operantes entre os usuários e não mero traço dos textos. (Fávero, 2000:10)

Fávero (2000:17) classifica a coesão em três tipos: referencial, recorrencial e seqüencial *stricto*, dizendo que elas estão baseadas na função que esses tipos exercem na construção do texto e não no mecanismo de classes de palavras, de léxico e outros mais. Na parte de coerência, essa estudiosa concorda que o sentido do texto não está no texto em si, mas em outros fatores que o envolvem. Além dos aspectos lingüísticos, devem ser considerados os de ordem cognitiva, sociocultural e interacional, que constituem, hoje em dia, o objeto de estudo da Pragmática.

Diante de tudo que foi exposto até aqui, queremos estabelecer que o objetivo específico deste trabalho é identificar como a correlação dos tempos verbais articula os mecanismos de coesão e de coerência textuais para gerar o significado e o sentido do poema "O chamado das pedras", transcrito a seguir:

A estrada está deserta.  
Vou caminhando sozinha.  
Ninguém me espera no  
caminho.  
Ninguém acende a luz.  
A velha candeia de azeite  
de a muito se apagou.

Tudo deserto.  
A longa caminhada.  
A longa noite escura.  
Ninguém me estende a mão.  
E as mãos atiram pedras.

Sozinha...  
Errada a estrada.  
No frio, no escuro, no  
abandono.  
Tateio em volta e procuro a  
luz.

Meus olhos estão fechados.  
Meus olhos estão cegos.  
Vêm do passado.

Num bramido de dor.  
Num espasmo de agonia  
ouço um vagido de criança.  
É meu filho que acaba de  
nascer.

Na estrada deserta,  
sempre a procurar  
o perdido tempo  
que ficou pra trás.

Do perdido tempo.  
Do passado tempo  
escuto a voz das pedras:

Volta... Volta... Volta...  
E os morros abriam para mim  
imensos braços vegetais.

E os sinos das igrejas  
que ouvia na distância  
Diziam: Vem... Vem... Vem...

E as rolinhas fogo-pagou  
das velhas cumeleiras:  
Porque não voltou...  
Porque não voltou...  
E a água do rio que corria  
chamava... chamava...

Vestida de cabelos brancos  
Voltei sozinha à velha casa,  
deserta.  
(Coralina, 1998:84-85)

Hávamos dito que a Semântica da Enunciação seria a nossa ferramenta de análise. Sendo assim, nossas reflexões estão amparadas em Fiorin (2000), em *As astúcias da enunciação*, que tece profundas considerações sobre a constituição do discurso a partir da instalação das categorias de pessoa, de espaço e de tempo no enunciado e, principalmente, na enunciação. O livro de Fiorin baseia-se, em quase sua totalidade, nas teorias lingüísticas de Benveniste (1966) sobre a enunciação. Esse lingüista mostrou que a propriedade primeira e primordial da comunicação é a instância da categoria de pessoa, seguida da de espaço e de tempo:

A categoria de pessoa é essencial para que a linguagem se torne discurso. Assim, o eu não se refere nem a um indivíduo nem a um conceito, ele refere-se a algo exclusivamente lingüístico, ou seja, ao 'ato de discurso individual em que eu é pronunciado e designa seu locutor' (Benveniste, 1966:261-2). O fundamento da subjetividade está no exercício da língua, pois seu único testemunho objetivo é o fato do eu enunciar-se. (Benveniste, 1966:261-2)

Desta forma, acrescentaremos aos pressupostos da Lingüística Textual as idéias de Fiorin sobre a categoria do tempo no enunciado (fator coesivo) e na enunciação (fator de coerência), que permitirão um interpretação interessante do poema escolhido:

[...] Assim, espaço e tempo estão na dependência do eu, que neles se enuncia. O aqui é o espaço do eu e o presente é o tempo em que coincidem o momento do evento descrito e o ato de enunciação que o descreve. A partir desses dois elementos, organizam-se todas as relações espaciais e temporais. (Fiorin, 2000:41-42)

Até agora, trabalhamos com o tempo, fingindo ignorar que um texto opera com temporalizações globais diversas, que, no entanto, estão inextricavelmente ligadas, ou falando, sem precisar, em tempo da enunciação e tempo do enunciado. Em primeiro lugar, é necessário dizer que, como todos os acontecimentos são temporalizados, há uma microtemporalidade, que ordena cada acontecimento, e uma macrotemporalidade, que organiza as

seqüências maiores. Em segundo, que como há diferentes temporalidades, é preciso analisar como elas se articulam. (Fiorin, 2000:229)

## O percurso analítico

Uma leitura atenta do poema revela que a presença das formas verbais “está/ vou caminhando/espera/acende/apagou/estende/atiram/ tateio/ procuro/ estão(fechados)/estão(cegos)/Vêm/ouço/acaba de nascer/procurar/ficou/escuto/Volta...Volta...Volta.../abriam/ouvia/ Diziam:Vem...Vem...Vem.../(não)voltou/(não)voltou)/corria/ chamava...chamava.../voltei” funcionam como mecanismos lingüísticos de coesão e coerência textuais.

Primeiramente, investigaremos como essas formas verbais afetam, em nível de microtexto, ou melhor, de enunciado, as relações coesivas do poema. Fávero (2000:33) também estuda os tempos verbais como fatores de coesão seqüencial *stricto sensu*, já que eles “têm por função, da mesma forma que os de recorrência, fazer progredir o texto, fazer caminhar o fluxo informacional. Diferem dos de recorrência, por não haver neles retomada de itens, sentenças ou estruturas. Podem ocorrer por seqüenciação temporal e por conexão.”

As formas verbais do poema em questão, que ora se apresentam nos tempos do presente ora do pretérito, estabelecem um significado para as sentenças, ao mesmo tempo que promovem a progressão do fluxo informacional, pois elas relacionam os estados de espírito e de humor, os fatos e os acontecimentos mais importantes da vida desse enunciator.

A primeira, a segunda e a terceira estrofes apresentam o estado atual de solidão e abandono do eu-lírico, principalmente nos versos “vou caminhando sozinha./Ninguém acende a luz./Ninguém me estende a mão./ Sozinha.../No frio, no escuro, no abandono”. Esses versos, de certa forma, também anunciam a vida que está por vir. A partir da quarta estrofe até a penúltima, as formas verbais passam a relatar acontecimentos ocorridos num passado remoto e mais recente. Assim, o leitor fica sabendo que esse eu-lírico, há muitos anos, teve filhos no verso “Num bramido de dor./Num espasmo de agonia/ouço um vagido de criança./É meu filho que acaba de nascer”. Depois disso, somos informados da recepção fria que a poeta teve ao decidir retornar para sua terra natal, já que não havia ninguém aguardando por ela, a não ser os elementos naturais que compõem o cenário da cidade de Goiás, antiga Villa Boa de Goyaz, como as pedras do calçamento em “escuto a voz das pedras:/Volta...Volta...Volta...”; os morros (Serra Dourada) que circun-

dam a cidade em "E os morros abriam para mim/imensos braços vegetais"; os sinos das antigas igrejas em "E os sinos das igrejas/que ouvia na distância/Diziam: Vem...Vem...Vem..."; os pássaros locais em "E as rolinhas fogo-pagou/das velhas cumeeiras:/ Porque não voltou.../Porque não voltou"; e, por fim, o rio (Rio Vermelho) que corta a cidade em "E a água do rio que corria/chamava...chamava...". A última estrofe, "Vestida de cabelos brancos/Voltei sozinha à velha casa, deserta", retoma o estado físico e emocional atuais da poeta, reiterando o que já foi dito na primeira, segunda e terceira estrofes, fechando assim o ciclo de vida do enunciador-poeta.

Essa marca lingüística dos tempos verbais no enunciado permite que o momento da enunciação seja reconstituído, pois a enunciação considera os fatores de produção (enunciador) e de recepção (enunciatário) do texto. Ela refere-se ao nível macrotextual do texto e contribui, portanto, para a coerência, que por sua vez, visa entender o sentido global do texto. Relembremos, mais uma vez, a distinção entre coerência e coesão textuais, tomando desta vez a seguinte consideração de Koch:

A coerência diz respeito ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual vêm a constituir, na mente dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos. A coesão pode ser descrita como o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos lingüísticos presentes na superfície textual encontram-se interligados, por meio de recursos também lingüísticos, formando seqüências veiculadoras de sentido (Koch *apud* Bentes, 2001:256)

Este trabalho ocupou-se com o capítulo "Do tempo" (p. 127-255), do livro *As astúcias da enunciação* (Fiorin, 2000), que explicita as possibilidades de uso dos tempos verbais na composição de um texto. Para facilitar a explanação, Fiorin estabelece as seguintes divisões para a categoria do tempo: o tempo sistematizado, o tempo transformado, o tempo harmonizado, o tempo subvertido e o tempo desdobrado.

Retornando ao nosso poema, percebemos que, em nosso caso, o enunciador utiliza os tempos verbais deslocando-os, ou melhor, *subvertendo-os* ao eixo ordenador e gerador do momento da enunciação, da referência e do acontecimento, citados por Fiorin em:

Até agora estabelecemos dois pontos para marcar a singularidade do tempo lingüístico:

- a) seu eixo ordenador e gerador é o momento da enunciação;

- b) está relacionado à ordenação dos estados e transformações narrados no texto.

Daí decorre que existem na língua dois sistemas temporais: um relacionado diretamente ao momento da enunciação e outro ordenado em função de momentos de referência instalados no enunciado.[...] São três os momentos estruturalmente relevantes na constituição do sistema temporal: momento da enunciação (ME), momento da referência (MR) e momento do acontecimento. (Fiorin, 2000:145-146)

Em "O chamado das pedras", ocorre uma neutralização constante dos tempos verbais, já que o enunciador, na maior parte do poema, presentifica o passado e torna, às vezes, futuro o presente. Assim, temos algumas formas verbais da primeira, segunda e terceira estrofes coincidindo com o momento presente da enunciação como em "A estrada está deserta,/Ninguém me estende a mão./E as mãos atiram pedras./Tateio em volta e procuro a luz". Contudo, em "Vou caminhando sozinha./Ninguém me espera no caminho./Ninguém acende a luz", temos concomitantemente uma referência à situação presente e também ao futuro, ou seja, o estado de solidão e abandono atuais da poeta tende a prolongar-se pelo resto de sua vida.

Mas a neutralização de tempo mais relevante deste poema é a presentificação do passado. Isso acontece quando a poeta utiliza o recurso do "flashback" para reviver os fatos mais marcantes de sua vida, compreendidos entre o nascimento dos filhos (quarta estrofe) e a volta à cidade natal (da quinta à décima estrofe). Aliás, o ponto máximo de poeticidade e de dramaticidade encontra-se nos versos que expressam a boa receptividade dos elementos naturais da cidade, em contraponto com a péssima acolhida dos moradores. A poeta intensifica aquele momento *personificando* os elementos naturais, como em "escuto a voz das pedras:/; E os morros abriam para mim/imensos braços vegetais./; E os sinos das igrejas que ouvia na distância/Diziam:[...]/; E as rolinhas fogo-pagou/das velhas cumeeiras:/Porque não voltou.../; E a água do rio que corria/chamava.../chamava...". Ela também usa *onomatopéias* para explorar o som proveniente das formas verbais, remetendo-o às características físicas de quem os pronunciou. Assim, temos em "Vem...Vem...Vem...", a ressonância metálica dos sinos das igrejas; em "Porque não voltou.../Porque não voltou...", a imitação da voz das rolinhas fogo-pagou; e em "chamava...chamava...", a semelhança sonora da água do rio que passa em movimento contínuo. Esses recursos fazem com que as sensações e emoções vividas num determinado

momento do passado ainda estejam vivas no presente. A última estrofe, “Vestida de cabelos brancos/Voltei sozinha à velha casa, deserta”, apresenta uma forma verbal no passado (voltei), mas que reflete a situação atual da vida da poeta, que vive sozinha num velho casarão, relembrando momentos do passado, como se tivessem acabado de acontecer.

Assim, vimos que o enunciador valeu-se do uso do tempo subvertido para estabelecer a coerência textual do poema. Este é um dos recursos lingüísticos que possibilita ao leitor compreender o sentido global da mensagem do poema, que está antecipado a partir do título, vai sendo argumentado pelas estrofes e, é então, reiterado ao seu final.

Por fim, podemos observar que a função poética desse texto concentra-se na habilidade e na capacidade comunicativa da poeta Cora Coralina em utilizar o recurso do tempo subvertido a favor do significado das sentenças (fator coesivo) e do sentido global de seu poema (fator de coerência). Mas essa interpretação depende também de uma atitude cooperativa do leitor em aceitar o poema como um texto coerente, fazendo de tudo para compreendê-lo. Essa interação entre produtor (enunciador-poeta) e receptor (enunciatário-leitor) diante de um discurso (enunciação-poema) aproxima a Semântica da Enunciação e a Lingüística Textual da Poética.

### **Considerações finais**

Gostaríamos de ressaltar que qualquer enunciado traz em si não apenas significados e sentidos, mas também intenções. Sabemos que a linguagem literária difere das outras pelo fato de vir carregada de significados figurados, repletos de intenções, que só são possíveis de serem descodificados mediante as inferências dos usuários da língua. O fenômeno da intencionalidade, um dos elementos da textualidade, tem sido analisado pela Pragmática, pois seu objeto de estudo é, por excelência, a análise da linguagem no que se refere a seu uso pelos falantes da língua em determinados contextos sociocomunicativos:

[...] a Pragmática se inicia justamente defendendo a não-centralidade da língua em relação à fala. Em outras palavras, a Pragmática aposta nos estudos da linguagem, levando em conta também a fala, e nunca nos estudos da língua isolada de sua produção social. Dessa forma, os estudos pragmáticos pretendem definir o que é linguagem e analisá-la trazendo para a definição os conceitos de sociedade e de comunicação descartados pela Lingüística saussureana na subtração da fala, ou seja das pessoas que falam.

Um segundo ponto, [...] é que os fenômenos lingüísticos não são puramente convencionais, mas sim compostos também por elementos criativos, inovadores, que se alteram e interagem durante o processo de uso da linguagem. (Pinto, 2001:48)

A Pragmática surgiu com a Teoria dos Atos de Fala proposta por Austin, que concebeu a linguagem "como uma atividade construída pelos/pelas interlocutores/interlocutoras, ou seja, é impossível discutir linguagem sem considerar o ato de linguagem, o ato de estar falando em si – a linguagem não é, assim, descrição do mundo, mas ação" (Pinto, 2000:57). A partir dessa concepção, ele classificou os atos de fala em três tipos:

[Austin] propôs chamar atos locucionários aqueles que dizem alguma coisa; atos ilocucionários, aqueles que refletem a posição do/a locutor/a em relação ao que ele/a diz; e atos perlocucionários, aqueles que produzem certos efeitos e conseqüências sobre os /as alocutários, sobre o/a locutor/a ou sobre outras pessoas. (Pinto, 2001:58)

O poema "O chamado das pedras" pode ser também interpretado sob a luz da Pragmática, pois a linguagem literária está permeada por forças ilocucionárias, que só são atualizadas quando produzem o efeito desejado na recepção da mensagem, ou seja, no leitor, realizando, conseqüentemente, o ato perlocucionário. Na análise do poema escolhido, a subversão dos tempos verbais corrobora pragmaticamente para o sentido do texto, intensificando a revivescência de acontecimentos passados como se fossem atuais.

Nosso trabalho pretendeu mostrar que a Lingüística, como pretendia Jakobson, concorre para uma compreensão mais abrangente da linguagem literária e, decisivamente, não deve ser apartada dos estudos sobre Poética.

### Referências bibliográficas

BENTES, Anna Christina. Linguística textual. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 245-287. v. 1.

CHALHUB, Samira. *Funções da linguagem*. 11.ed. São Paulo: Ática, 2000.

CORALINA, Cora. *Meu livro de cordel*. 8.ed. São Paulo: Global, 1998.

FÁVERO, Leonor. *Coesão e coerência textuais*. 9.ed. São Paulo: Ática, 2000.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1999.

JAKOBSON, Roman. Lingüística e poética. In: \_\_\_\_\_. *Lingüística e comunicação*. 17.ed. São Paulo: Cultrix, 2000. p. 118-162.

MARQUES, Maria Helena. *Iniciação à semântica*. 5.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

OLIVEIRA, Roberta. Semântica. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 17-46. v. 2.

PINTO, Joana. Pragmática. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 47-68. v. 2.

## COLABORADORES

Carmem Cecília Camatari Galvão  
Professora da Faculdade Jesus, Maria e José – Taguatinga (DF)  
Mestrado em Lingüística pela Universidade de Brasília – UnB

Cibele Brandão  
Professora do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula  
da Universidade de Brasília – UnB  
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UnB

Denize Elena Garcia da Silva  
Professora do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula  
da Universidade de Brasília – UnB  
Doutorado em Lingüística Hispânica pela Universidad Nacional Autónoma  
de México – UNAM

Dina Maria Martins Ferreira  
Professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Educação da Universidade  
Presbiteriana Mackenzie (SP)  
Doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

## Colaboradores

---

Eline Alcântara dos Santos

Professora do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Mestrado em Lingüística pela Universidade de Brasília – UnB

Gláucia Muniz Proença Lara

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral pela Universidade de São Paulo – USP

Heloisa Marques Miguel

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Goiânia – UFG

Ivone Tavares de Lucena

Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa

Izabella dos Santos Martins Mendes

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Jacob L. Mey

Professor Emérito da Universidade do Sul da Dinamarca, Odense

Doutorado em Filosofia pela Universidade de Zaragoza, Espanha

Janaína Minelli de Oliveira

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Lilian Márcia Simões Zamboni

Consultora Legislativa do Senado Federal – Brasília (DF)

Doutorado em Lingüística pela UNICAMP

Luiz Antônio Marcuschi

Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Doutorado em Filosofia da Linguagem pela Universidade de Erlangen-Nürnberg, Alemanha

Maria Carmen Aires Gomes

Professora do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa – UFV

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Maria Francisca de Oliveira Santos

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE







Dupligráfica Editora  
SIG/Sul Qd. 08 n° 2396 - Brasília/DF  
Fone: (61) 3344-1918 - Fax: (61) 3344-1924  
e-mail: dupligráfica@terra.com.br





**OUTROS LANÇAMENTOS DA  
EDITORA UNIVERSIDADE  
DE BRASÍLIA**

**Minhas cartas e as dos outros**

(volumes 1 e 2)

*Carlos Lacerda*

**A crise do modelo francês**

*Denis Rolland*

**Agrotóxicos: mutações, câncer &  
reprodução**

*Cesar Koppe Grisolia*

**Introdução à cinemática relativística**

*José de Lima Acioli*

**Novos estudos sobre línguas indígenas**

*Aryon Dall'Igna Rodrigues*

*Ana Suelly Arruda Câmara Cabral*

**Simmel e a modernidade**

(2.<sup>a</sup> edição)

*Jessé Souza e Berthold Öelze*

*(Organizadores)*

**A pós-graduação no Brasil: formação  
e trabalho de**

**mestres e doutores no país**

(volume 1 - 2.<sup>a</sup> edição)

*Jacques Velloso (Organizador)*

**Psicologia e conhecimento: subsídios  
da psicologia do desenvolvimento  
para a análise de ensinar e aprender**

*Maria Helena Fávero*

**Itinerários de Barbara Freitag**

*Sergio Paulo Rouanet, Nair Heloisa*

*Bicalho de Sousa e Maria Francisca*

*Pinheiro Coelho (Organizadores)*

**N**as instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras compreende cinco partes. A necessidade de uma mudança de perspectiva na relação entre discurso e gramática, acentuada pela preocupação decorrente de questões voltadas para o ensino gramatical, equivale ao fio central que enlaça três artigos reunidos na primeira parte. As reflexões que tomam como objeto de análise textos veiculados na mídia marcam a segunda parte do livro, composta por três estudos, cujos autores dialogam com teorias críticas que enfocam o discurso como prática social. Ao mostrar que a língua é atividade estruturante e constitutiva, três artigos configuram a terceira parte, que envolve questões de natureza semântica e de cunho ideológico plasmadas no discurso literário. Seus autores, além de mostrarem que lingüística e literatura não se excluem, colocam em evidência não só valores políticos, inseridos em contextos sócio-históricos, mas também questões que envolvem gênero social e identidade. Em favor de uma política de representação, diferentes discussões sobre gênero discursivo, fortalecidas pela busca de articulação de diferenças epistemo-lógicas, perpassam os artigos da penúltima parte. Ilustrando ainda a permeabilidade de fronteiras que delimitam as instâncias do discurso, três artigos conformam a parte final. São reflexões de pesquisas que se estendem desde a multiplicidade de posições do sujeito-professor até as facetas que envolvem o comportamento verbal e não-verbal, presentes na dinâmica de interação em contextos acadêmicos.

CÓD. EDU 387495

ISBN 85-230-0836-5



9 798523 008368